

# NOVAS TECNOLOGIAS: INSTRUMENTO DE TRABALHO E UMA NOVA POSSIBILIDADE DE FONTE NA PESQUISA HISTÓRICA

LEITE, Wallace da Silva, RU: 2149719  
(Bacharelado em História no Centro  
Universitário Internacional UNINTER)

FREZARIN, Maria Silvana  
(Orientadora convidada do Centro  
Universitário Internacional UNINTER)

## RESUMO

Este artigo procura abordar a importância das novas tecnologias de informação no trabalho dos historiadores e historiadoras, enfatizando a possibilidade da internet de ser utilizada na pesquisa histórica como fonte primária e não primária, baseado na reflexão feita, a partir do movimento mais conhecido como Escola dos Annales que ampliou o conceito de fonte histórica. Traz-se o que se entende por fonte nas escolas historiográficas ditas metódicas, e também o que o movimento dos Annales entende por fontes históricas. Coloca-se os audiovisuais como fontes históricas seguras e possíveis para a construção de conhecimento histórico. A internet é exemplificada como um audiovisual, que além de conter outros tipos de fontes em si mesma, pode ser considerada como fonte histórica. O objetivo geral é apontar as novas tecnologias como possibilidade de fonte histórica a serem utilizadas nas pesquisas, ao mesmo tempo que são, um instrumento para se trabalhar com os outros tipos de fontes históricas. O tipo de pesquisa para elaboração do trabalho é bibliográfico de abordagem qualitativa, numa modalidade exploratória com o intuito de trazer um diálogo entre textos sobre um determinado tema, criando uma hipótese reflexiva, que nesse caso é sobre as fontes históricas. As considerações finais deixadas são que se deve utilizar mais as fontes originadas da internet nas pesquisas históricas e se faz necessário um amplo debate acerca da aceitação das fontes digitais por parte dos historiadores e historiadoras.

**Palavras-chave:** História. Fonte. Tecnologia. Internet.

## 1. INTRODUÇÃO

O que seria do historiador sem suas fontes? Durante muito tempo na pesquisa histórica o papel, o documento oficial, era visto com exclusividade como fonte no ofício do historiador (a). Bloch nos mostra em sua última obra, *Apologia da História*, que essa é a ciência dos homens no tempo, e que todo vestígio que constate atividade humana num determinado espaço e tempo, pode ser considerado como fonte histórica, portanto apta a ser explorada pelo historiador(a). Com essa nova noção do

que seria uma fonte histórica, que vigorou a partir do começo do século XX com a escola dos Annales, novas possibilidades foram sendo trabalhadas pelos historiadores(as), com novos temas, novos atores, novas abordagens, indo além da história factual que privilegiava a história política e de grandes personagens. Bloch defendia a ideia da história problema numa tentativa, com muito sucesso, de ampliar os horizontes da história. Atualmente também temos essa oportunidade de ampliar os horizontes de trabalho com as fontes históricas, através das novas tecnologias. Constata-se que com o advento da internet, além da oportunidade de acesso às fontes anteriores a ela, a mesma pode ser tratada com uma fonte histórica. Por isso é importante a pesquisa num sentido, de mostrar a relevância das novas tecnologias, como um instrumento a ser utilizado nas pesquisas de História, e como possibilidade de serem elas próprias fontes para os historiadores. Considerando sempre as suas potencialidades e também as limitações. No entanto todo historiador (a), na atualidade, não pode ignorar a existência dessas novas tecnologias, quando se pensa no ofício de quem é um trabalhador(a) da ciência histórica. Afinal qual a contribuição que as novas tecnologias de informação propiciam, como fonte histórica, sobre a reflexão feita pela Escola dos Annales no começo do século XX?

O objetivo principal deste trabalho consiste em apontar as novas tecnologias como possibilidade de fonte histórica a serem utilizadas nas pesquisas, ao mesmo tempo que são, um instrumento para se trabalhar com os outros tipos de fontes históricas.

Num primeiro momento irá se analisar o que se entende por fonte histórica a partir do pensamento das escolas ditas metódicas e da Escola dos Annales. Seguindo, o texto irá mostrar a importância das fontes audiovisuais para a pesquisa histórica e por fim destacar o papel da internet e demonstrar a colaboração das novas tecnologias nas relações dos historiadores (as) com as fontes anteriormente mencionadas e sua afirmação como uma fonte histórica a ser utilizada pelos profissionais da História.

## **2. FONTE HISTÓRICA**

Contar sua história não é uma atividade recente do homem. De variadas maneiras e de acordo com seu contexto o ser humano sempre deixou o seu passado registrado, com ou sem essa intenção. Para corroborar o que foi posto:

A proliferação de diversas formas de relatar o passado não é novidade no longínquo caminhar das sociedades humanas. Desde os primeiros agrupamentos de pessoas, o homem desenvolveu maneiras diversas de registrar e transmitir sua trajetória ou, ao menos, os eventos considerados fundamentais a sua constituição. (MARCZAL, 2016, p.27).

Na verdade, o que se pretende é mostrar a História enquanto ciência, com a possibilidade de ser analisada e criticada, usando de métodos para seu desenvolvimento, ou seja, como diz Ernesto Sobocinski Marczal, em seu livro *Introdução à historiografia: da abordagem tradicional às perspectivas pós-modernas*:

Trata-se, na verdade, de um exercício imaginativo construído a partir de fundamentos teóricos e metodológicos que lhe dão forma, garantem sua conexão com o objeto visitado, autorizam as análises de seus autores e possibilitam a crítica empírica de suas teses ou até a reformulação de suposições prévias, além de amparar suas conclusões. (MARCZAL, 2016, P. 31).

Como foi visto, não se trata apenas de contar uma história, mas do exercício empírico de escrever história, efetuado por um historiador, que se baseia em métodos próprios da ciência histórica. E esse ofício só é possível, devido às evidências que as gerações anteriores deixaram para se analisar, estudar, pesquisar, refletir, interpretar, etc. No entanto, Rodrigo Otávio dos Santos em *Fundamentos da pesquisa histórica*, contribui afirmando que “Pensar em história não é pensar no passado. Na verdade, pensar em história é pensar no futuro.” (SANTOS, 2016, p,19). Pois, ainda conforme Santos (2016, p.19), os ensinamentos e os aprendizados da disciplina História não teriam serventia para atualidade se ficassem presos no passado. Mas, como é possível escrever sobre um tempo que passou? O que permite que se possa ter algum conhecimento de algo localizado no passado? Como, e com o que o historiador pode exercer sua profissão? De acordo com Santos (2016, p.65) “O historiador não existe sem suas fontes, que não são propriamente suas, mas sim do tempo, da humanidade. A questão é que o profissional da história vai tentar decifrar esses vestígios que o tempo deixou para nós.” Certamente questiona-se o que é uma fonte, qual sua importância para escrita da história e também qual sua função. É uma boa e longa discussão, que sempre houve no campo da ciência História e continuará.

A atividade profissional do historiador (a) acontece por meio de uma pesquisa histórica. “A pesquisa é o processo pelo qual se obtém, a partir do uso das fontes, um conhecimento histórico controlável.” (SANTOS, 2016, p. 40). A finalidade não é aprofundar sobre o que é a pesquisa histórica, mas surge a necessidade de um

esclarecimento, ainda que mínimo, desta para uma melhor compreensão do que seja uma fonte histórica. Uma constatação importante, é dizer, que todo historiador(a) ao iniciar sua pesquisa está inserido em seu tempo presente. As questões, as inquietações, os problemas sempre surgem no presente, ou seja, olha-se para o passado na busca de respostas de perguntas do presente. Concordando com o raciocínio que está sendo desenvolvido, Santos escreveu que “O sujeito que faz a pesquisa também está imerso em um mar de conjecturas, reflexões, certezas e incertezas próprias do seu tempo presente.” (SANTOS, 2016, p.19). Estando o pesquisador(a) no presente, infere-se que, não é possível chegar à verdade de fato do que ocorreu. O que se chega a nós são versões do que ocorreu, pontos de vista sobre os acontecimentos pretéritos, ou reflexões sobre o passado ou do que se escreveu sobre o passado. Ainda de acordo com o autor citado anteriormente, a pesquisa tem uma meta, uma função: “Compreender o homem e suas sociedades durante o tempo é a função principal da história, naturalmente, é também a função principal da pesquisa histórica.” (SANTOS, 2016, p.20).

Olhando para atividade natural do homem, que é um ser histórico por natureza, observa-se algumas continuidades e também mudanças. “É justamente a antítese entre o que é sempre o mesmo e aquilo que muda constantemente que gera os problemas e as pesquisas históricas.” (SANTOS, 2016, p.20). Ou seja, conforme Santos: “Uma das funções mais importantes do historiador é colocar os homens de ontem em contato com os de hoje. [...] Afinal, não existe conhecimento verdadeiro sem uma dose de comparação.” (SANTOS, 2016, p. 20). Santos (2016) ainda destaca a importância de se ter um bom conhecimento do presente para problematizar o passado, pois ao contrário, não é possível, ou se torna muito difícil, buscar respostas no passado sem ter uma real percepção do presente, pois, como foi demonstrado, o historiador se encontra no tempo presente, no seu contemporâneo.

No que se refere, portanto à pesquisa histórica, que se considera neste texto, sem a pretensão de aprofundamento no assunto, levando-se em conta suas etapas e sua função, toma-se aquilo que Santos nos propõe:

A formulação da pergunta histórica é o momento em que o estudante ou pesquisador se depara com uma lacuna a ser preenchida. Todas as carências de orientação no tempo são enunciadas de perguntas históricas. Em seguida, na segunda fase, o pesquisador deve remeter as perguntas às fontes e, por meio de diálogo, tentar obter o máximo de respostas possíveis para seus questionamentos. A terceira e última fase consiste em efetivamente responder, por meio de um texto, às questões que foram recebidas quando

da análise das fontes. Nesse momento, deve haver uma resposta às perguntas históricas. (SANTOS, 2016, p.46)

Apresentada, ainda que de forma sintética, a pesquisa histórica; destacar a importância, o papel e a necessidade clara das fontes, sem a qual, não seria possível a realização de uma pesquisa histórica científica, é a intensão que se tem. Vale lembrar, que a mera narração dos fatos, sem um método, não é desvalorizado nesse artigo e nem desconsiderado como auxílio para o fazer história, no entanto, no que tange ao caráter científico da História, valoriza-se aqui, os métodos próprios de que dispõem os historiadores (as) para o desenvolvimento de suas pesquisas e seu posterior resultado. Em seu livro, Introdução à historiografia: da abordagem tradicional às perspectivas pós-modernas, Ernesto Sobocinski Marczal, diz que:

A partir dessas breves colocações, nos defrontamos com um discurso singular, composto por normas, regras e um fazer próprio, percebermos que a história à qual nos referimos é aquela que dá conta do que foi registrado e narrado sobre o passado, ou seja, uma escrita possível do passado. Mas não se trata de um texto qualquer, de um romance elaborado a partir da imaginação livre de seus autores, como algumas defesas mais radicais e descontextualizadas podem pressupor. Trata-se, na verdade, de um exercício imaginativo construído a partir de fundamentos teóricos e metodológicos que lhe dão forma, garantem sua conexão com o objetivo visitado, autorizam as análises de seus autores e possibilitam a crítica empírica de suas teses ou até a reformulação de suposições prévias, além de amparar suas conclusões. (MARCZAL, 2016, p. 30-31)

Perguntar, argumentar, problematizar, e tantos outros verbos podiam ser colocados aqui para dizer que é o historiador quem age sobre a fonte. “Não nos enganemos, porém: as fontes precisam ser lidas, analisadas, questionadas.” (SANTOS, 2016, p.40). Ao questionar as fontes o historiador(a) traz consigo as suas inquietações, o seu modo de ver o mundo, querendo ou não as suas intencionalidades, pois alguma coisa o levou a pesquisar sobre determinado assunto. Constata-se então que, é difícil um olhar neutro sobre determinada fonte. “Nenhum estudo (nem historiográfico nem de nenhuma outra ciência) pode ser caracterizado como neutro ou completo. [...] O pesquisador analisa as fontes sob sua ótica própria.” (SANTOS, 2016, p.40).

## **2. 1 AS FONTES HISTÓRICAS PARA A ESCOLA METÓDICA**

Eis o contexto da chamada História tradicional, a escola da História Metódica, que buscava se firmar como uma ciência, legitimar o trabalho de seus profissionais,

que passariam a ser conhecidos como historiadores que Fábio Frizzo em seu livro, Uma história do pensamento histórico do século XIX, traz da seguinte maneira:

Associado ao surgimento das nações e à oposição aos ideais iluministas, o século XIX presenciou o desenvolvimento de uma nova roupagem para os relatos historiográficos. Antes sob a responsabilidade de intelectuais mais ou menos independentes, a escrita da história passou a ser resultado de um método recém-construído, utilizado por historiadores formados e institucionalizados em cadeiras acadêmicas, em organizações profissionais e até mesmo em postos de Estado. (FRIZZO, 2019, p.123)

Estamos num contexto de nacionalismo, de busca por uma identidade. E a história foi vista como um meio de construção dessa identidade nacional. Concorde Clóvis Gruner em seu livro, História, Economia, Política e Cultura no Século XIX:

A experiência do **nacionalismo**, por sua vez, está ligada a um entendimento de nação que remete, principalmente, a um universo de símbolos e representações, mais que a algo que se possa dilucidar mais objetivamente.

[...] Como parte elementar na construção de uma cultura e de uma identidade nacionais, o nacionalismo se assenta sobre algumas características que mobilizam sentimentos e afetos diversos. Quando falamos em nacionalismos, portanto, nos referimos a uma experiência que, além de sensível, é basicamente simbólica e narrativa - mas, nem por isso, menos política -, que combina principalmente um desejo de viver em comunidade, a memória do passado e a perpetuação da herança. (GRUNER, 2019, p. 152-153, grifo do original)

O autor demonstra a importância do sentimento de pertença a uma nação. Uma narrativa que seja capaz de buscar legitimar determinada nação através de seu passado. Esse é o contexto, de forma bem sintética em que se encontravam os primeiros que almejavam fazer da história uma ciência. Para tal tarefa, buscavam se valer de fontes seguras do passado, válidas na sua veracidade e comprovada importância social, que auxiliariam os historiadores através de seus métodos que se pretendiam ser confiáveis e seguros. Marczał reitera:

Nesse intervalo, uma das principais preocupações dos historiadores, especialmente aqueles sediados no Velho Continente, foi de considerar a história como um saber científico, isto é, assentado sobre procedimentos metodológicos rígidos capazes de garantir um processo de investigação seguro e comprovável. (MARCZAL, 2016, p.32)

O que se buscava era um conhecimento sobre a verdade do que se passou no passado, uma narração fiel ao acontecimento, acontecimentos que deveriam ser dignos de serem contados, com pessoas que deveriam ser importantes para o

decorrer desses acontecimentos. Fatos de importância política para aquela determinada nação, portanto, uma história oficial, política, institucional, que deve ser aprendida para a formação de uma identidade nacional. Conforme Marczał (2016, p.45), “Tratava-se de uma visão de história que se preocupava com os ‘grandes’ fatos políticos, com as ações espetaculares dos governos, de seus líderes e personagens de destaque.”

Temos como exemplo do saber histórico do século XIX o Historicismo, na Alemanha, o Cientificismo norte-americano, o positivismo e a Escola Metódica Francesa. Logicamente, a proposta é de uma apresentação simples dessas vertentes, com o objetivo de motivar o aprofundamento sobre suas especificidades e desenrolar histórico, pois, o objeto principal desse estudo são as fontes históricas. Mas é importante destacar o nome do historiador alemão Leopold von Ranke, o mais conhecido historiador historicista, grande personalidade que auxiliou a história na sua consolidação como ciência e sua entrada na academia. Segundo Marczał:

Para historiografia alemã – e também para a tradição historiográfica ocidental como um todo -, Ranke foi fundamental na consolidação de um modelo de fazer história calcado no **rigor metodológico do processo de investigação**, assim como na consolidação da disciplina com uma **especialidade universitária**. Foi ele, por exemplo, o responsável pela institucionalização do modelo de seminário empregado nas universidades alemãs e logo adotado por instituições de outros países. (MARCZAL, 2016, p.35, grifo do original)

Exposto sinteticamente o contexto, valoriza-se os liames dos saberes considerados no parágrafo anterior. Vale lembrar que o historicismo, o cientificismo, o positivismo e a escola metódica francesa têm, cada qual, suas especificidades e não se pretende igualar todos, mas buscar aquilo que se têm em comum no fazer história de cada um. E as fontes utilizado nesse contexto metódico, são fontes oficiais, do Governo, da Igreja Católica, escritas no papel, assinadas, “verdadeiras”. Fontes que, ao se ter contato, com os devidos métodos, questionamentos, com o eficiente trabalho do historiador, chega-se à essência do ocorreu, do fato acontecido. Afirma Marczał:

Em acordo com os parâmetros de uma disciplina metodologicamente severa, ressoante com a reivindicação do título de ciência, bem como de uma visão de história que elegia os lugares sedimentados do político como seu foco de atuação, a atenção documental se voltava para os **registros escritos do passado**. Mas não registros de qualquer tipo; apenas aqueles de **caráter oficial**, identificados por alguma personalidade ou instituição idônea e reconhecível, como o Estado ou a Igreja, e devidamente armazenados nos mais variados arquivos ou bibliotecas. (MARCZAL, 2016, p. 46, grifo do original)

## 2.2 ANNALES E SUA CONCEPÇÃO DE FONTE HISTÓRICA

Conforme Marczal (2016, pg.56), “A primeira edição da *Annales d'histoire économique et sociale*, lançada em 15 de janeiro 1929”, e o seus fundadores foram Marc Bloch e Lucien Febvre. É importante destacar que a revista foi composta por diferentes autores, teve diferentes propostas, e também diferentes fases e abordagens. O objetivo aqui é buscar aquilo que se tem em comum, de maneira sintética, do que se conhece como o movimento, ou escola, dos Annales. Esclarece Marczal, citando Burke:

Essa escola é, amiúde, vista como um grupo monolítico, com uma prática histórica uniforme, quantitativa no que concerne ao método, determinista em suas concepções, hostil ou, pelo menos, indiferente à política e aos eventos. Esse estereótipo dos Annales ignora tanto as divergências individuais entre seus membros quanto seu desenvolvimento no tempo. Talvez seja preferível falar num movimento dos Annales, não numa ‘escola’”. (BURKE, 2010, p. 12-13 apud MARCZAL, 2016, p. 48-49)

O contexto em que se está colocado essa proposta é entre as duas grandes guerras. O questionamento sobre a forma anterior de se conceber a História foi posto pelos Annales, devido, justamente, pelo desconhecimento daquilo que se entendia por “progresso humano e social”. Feita essa crítica, foi proposto um novo jeito de enxergar a História, um novo método, concepção, trazendo a ideia de uma ciência que problematiza o agir humano. Não se tem apenas uma “história política e dos grandes homens e eventos”. O tempo é entendido como possível de outras concepções, não sendo somente linear e progressivo, é múltiplo e plural.

Valoriza-se outros temas, como o social e o econômico. É colocado em ação uma atitude de diálogo com outras disciplinas, para o melhor desenrolar do conhecimento histórico que não se realiza sozinho, ou seja, a conhecida interdisciplinaridade. Destaca-se diferentes agentes na sociedade, estuda-se o coletivo e as individualidades, novos temas surgem. E logicamente, isso foi possível, devido à ampliação do conceito de fonte histórica. Marczal (2016) organizou de forma sintética aquelas que são as principais características dos Annales, mas ressaltando que, tudo se deu num processo durante todas as fases daquilo que consideramos como movimento dos Annales, assim resumiu o autor em oito tópicos:

Afim de organizar as principais características da Escola dos Annales resenhadas e debatidas anteriormente, sintetizamos as ideias centrais nos tópicos a seguir:

1. Formulação de uma “**história-problema**”, calcada em problemáticas e hipóteses de trabalho, em substituição à “história-narração” factual estabelecida anteriormente.



2. Ampliação da perspectiva de história, preocupada em estudar as atividades humanas com um todo. Na prática, observa-se uma **rejeição à história política** e um **investimento** nas dimensões sociais e econômicas.
3. Em paralelo ao item anterior, houve um abandono da história eventual, centrada em grandes indivíduos e acontecimentos, para focar em estudos voltados aos **aspectos coletivos**, com uma predileção singular para a **investigação das estruturas**.
4. **Interdisciplinaridade**. Estímulo de diálogo e debate críticos com as ciências sociais – sem distinguir fronteiras estreitas e imutáveis -, por meio dos quais os Annales importam problemas de estudo, conceitos, modelos, métodos e técnicas de pesquisa.
5. **Ampliação do conceito de fonte**. Questionamento dos registros escritos oficiais e valorização de outros suportes documentais – imagens, relatos orais, vestígios materiais, produções cartográficas, dados estatísticos etc.
6. Tomada de consciência de uma **temporalidade histórica múltipla e plural**, formada por níveis simultâneos com diferenças de duração e ritmo – curta, média e longa duração, variando de acordo com o aspecto analisado.
7. Percepção da história como um saber que se desenvolve a partir **da relação entre passado e presente**. Os historiadores partem de seu próprio tempo, de onde articulam suas dúvidas, questionamentos e instrumentos de análise, para examinar um determinado período do passado. Da mesma maneira, sua fala trata também do presente, uma vez que o público a quem direciona seus estudos é composto por seus contemporâneos.
8. Projeto de elaborar uma **história total**, capaz englobar diversos fragmentos da vida de determinada sociedade, por meio de abordagens voltadas a aspectos múltiplos ou da reunião e colaboração de diversos trabalhos. (MARCZAL, 2016, p. 55-56, grifo do original)

O que mais interessa nessa discussão é o item 5. A ampliação do conceito de fonte realizada pelos historiadores dos Annales. O autor supracitado, lembra que essa ampliação não foi simples e nem fácil de realizar, pois, “Uma **gama maior de vestígios passou a ser considerada** como evidências orais, visuais e estáticas, além de abarcar uma variedade maior de documentos escritos.” (MARCZAL, 2016, p. 51, grifo do original). Por isso, destaca-se a importância do item 4, dos tópicos anteriores, pois o diálogo com outras disciplinas auxiliaria no tratamento com as diferentes abordagens das novas fontes.

Observa-se como a História é uma ciência dinâmica. Cada tempo, cada escola, traz uma abordagem diferente, como igualmente acontece em relação à abordagem às fontes históricas. E hoje, o tempo é outro, o olhar para as fontes é diferente que outrora, ainda que dialogue bastante. E esse é o assunto do próximo tópico dessa discussão. O tempo das novas tecnologias da informação.

### 2.3 NOVAS TECNOLOGIAS: RECURSOS AUDIOVISUAIS E INTERNET

Sempre que se contempla as novas tecnologias de informação, no presente momento, fica difícil imaginar, um tempo em que as mesmas não existiram. Será possível, uma sociedade sem esses meios tecnológicos?

Uma grande questão que se coloca, é até que ponto, devemos dar créditos às novas tecnologias de informação. Logicamente sabemos dos inúmeros benefícios das mesmas para a organização da sociedade. Mas será que não é dado um poder quase absoluto, que na verdade, esses meios tecnológicos, não possuem? Aliás, não são os homens os senhores desses meios, que inclusive, foram criados para facilitar a vida humana? Devemos, então, desprezar os benefícios das tecnologias de informação, para afirmar a soberania da humanidade?

Questões importantes de serem pensadas e refletidas. Mas afinal como pensar as novas tecnologias de informação? Domingos Leite Lima Filho e Gilson Leandro Queluz (2005) ajuda trazendo dois pontos para essas reflexões, enfatizando a dificuldade de definir o termo tecnologia, optando por expor duas matrizes conceituais que não esgotam outras possibilidades. Primeiro:

“[...] a matriz relacional, que compreende a tecnologia como construção, aplicação e apropriação das práticas, saberes e conhecimentos; (ii) a matriz instrumental, que compreende a tecnologia como técnica, isto é, como aplicação prática de saberes e conhecimento.” (FILHO e QUELUZ, 2005, p.19)

De acordo com Filho e Queluz (2005), deve-se destacar o papel da sociedade na construção e desenvolvimento das tecnologias, ao longo do tempo, e o papel das tecnologias nas sociedades. Ou seja, os homens criaram recursos tecnológicos, para melhor viver em sociedade, para melhorar suas relações de trabalho, social e cultural. No entanto, na medida em que novas tecnologias foram surgindo, elas foram afetando as sociedades onde se estabeleciam. Os autores destacam a importância da educação tecnológica, para se tenha, uma equilibrada relação com as tecnologias que surgem, em outras palavras, Filho e Queluz (2005), afirmam, que se deve ter consciência dos benefícios que esse meios trazem para a sociedade, mas que são apenas meios tecnológicos e que, portanto, tudo acontece por causa das relações sociais, que são importantes, pois é sociedade que age sobre esses meios para atingir tal fim.

Pode-se observar quantidades elevadas de tecnologias de informação. Mas este trabalho quer trazer o exemplo dos audiovisuais e da internet. Observar as

possibilidades que esses recursos tecnológicos trazem para o conhecimento histórico, já que que foi falado da ampliação daquilo que se entende por fonte histórica, a partir da escola dos Annales.

O que são esses recursos audiovisuais? Porque considera-los como fontes histórica e como utilizá-los?

“Em sua definição estrita, o termo audiovisual se refere a tudo o que estimula, simultaneamente, a audição e a visão.” (FONTOURA, 2018, p.22). A proposta que se coloca neste trabalho, é analisar, os recursos audiovisuais de maneira geral, panorâmica. Saliendo que apesar da abordagem ser semelhante, cada recurso audiovisual tem suas particularidades, desenvolvimento histórico, contextualização. Conforme Fontoura (2018, p.23):

“[...] Ainda que os recursos audiovisuais tratados nesta obra devam ter suas partes compreendidas de maneira harmônica (letra e melodia, por exemplo, formam uma canção), faz-se necessária uma análise, tanto para as imagens quanto para os sons, de sua influência, presença social e historicidade.”

São exemplos desses recursos o cinema, a televisão, a música, o teatro, a internet, entre tantas outras possibilidades. Posteriormente vai se deter de maneira mais específica na internet, objeto da questão principal deste texto.

Foi colocado que as tecnologias se constroem em nossas relações sociais, portanto, os recursos audiovisuais são frutos dessas mesmas relações. Pode-se dizer, que o homem deixa suas marcas ao desenvolver esses recursos e ao se relacionar com eles. E onde tem vestígios humanos, onde tem informação sobre o homem, já foi trazido, que são considerados como fontes históricas.

Napolitano (2005) dialoga dizendo: “Considerar as fontes audiovisuais e musicais um outro tipo qualquer de documento histórico, portadoras de uma tensão entre evidência e representação.” (PINSKI, 2005, p. 281). O autor quer mostrar o cuidado de não se tomar de forma ingênua os recursos audiovisuais, pois, os mesmos trazem representações da realidade passada, e não o passado em si, como acreditavam os positivistas. E que sim, é possível adquirir conhecimentos a partir desses meios.

É interessante notar as lutas que esses recursos enfrentaram para serem aceitos no meio acadêmico, e de certa forma, enfrentam ainda hoje. Fontoura (2018, p. 34-37) recorda das críticas que os pensadores da escola de Frankfurt, trazendo o termo “indústria cultural”, dos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer. Para esses pensadores, conforme Fontoura, as novas mídias como o rádio, a televisão, as músicas, o cinema, serviam como agentes alienantes da grande massa popular, para garantir a hegemonia de um status quo, de determinada elite da sociedade, que aproveitavam desses meios para impor suas ideologias na população. O problema era a não consideração da ação dos consumidores sobre as mídias. Apesar de entreter as pessoas, essas não eram completamente estáticas e inanimadas como, ingenuamente, pensavam os pensadores da escola de Frankfurt.

Outro ponto importante para se colocar sobre os recursos audiovisuais é justamente seu caráter comercial. Lembra Fontoura (2018):

Músicas, materiais didáticos e paradidáticos, jogos informativos, filmes, programas televisivos e radiofônicos estão inseridos em uma lógica mercadológica que não pode ser desconsiderada quando se pretende utilizar esses e outros produtos culturais como recursos educativos. (FONTOURA, 2018, p. 33)

Mas não se enganem, cada recurso audiovisual deve ser olhado e considerado não somente naquilo que traz superficialmente. Ou seja, como diz Napolitano (2005): “Não isolar os códigos, canais e parâmetros verbais dos outros códigos, canais e parâmetros mobilizados pela fonte audiovisual (registro e edição de imagens e sons, e estruturas e gravações musicais).” (PINSKI, 2005, p. 281). O historiador é tentado a observar somente informações que vem escrito, no texto, mas cada recurso audiovisual tem sua linguagem não verbal, implícita ou explícita. Um exemplo seria a gravação de um filme, sendo que além do texto falado por determinado personagem, suas roupas, o cenário, a música, a entonação da voz, também são linguagens importantes para a pesquisa do historiador, que se ignoradas podem trazer prejuízos e não ajudar na qualidade da pesquisa.

Vale lembrar que as fontes não falam por si mesmas, e que cabe aos historiadores fazer a elas as perguntas para melhor conduzir sua pesquisa. As fontes quando bem questionadas trazem as respostas que o pesquisador procura, as vezes vão além. As fontes audiovisuais não são diferentes dos textos, apesar de terem suas particularidades, mas devem ser criticadas e com os métodos próprios da história. E

trabalhar com os audiovisuais trazem algumas vantagens para a pesquisas. Fontoura (2018) ajuda com algumas colocações, do porque usar os recursos audiovisuais na construção de conhecimento histórico: “Para uma alfabetização midiática.” (FONTOURA, 2018, p.24). “Para estimular a interdisciplinaridade.” (FONTOURA, 2018, p. 25). “Para permitir o contato com dados e situações que, de outra forma, seriam inacessíveis.” (FONTOURA, 2018, p. 26). “Para apresentar uma abordagem mais diversificada da história.” (FONTOURA, 2018, p. 26).

Depois de tudo que foi exposto, enxerga-se na verdade a possibilidade de fazer história com os recursos audiovisuais. E que a melhor maneira disso acontecer é através de uma atitude de diálogo, como disse Fontoura. (2018, p.37)

## **2.4 INTERNET: UMA FONTE A SER EXPLORADA**

Quando se faz uma análise do complexo social hoje, o que salta aos nossos olhos é o impacto da internet nas relações sociais, trabalhistas, culturais, e podemos dizer também nas relações intelectuais, na busca por conhecimento. E aqui se faz a defesa, desse recurso, como possibilidade, a ser explorada, como uma fonte histórica, e um meio, onde estão armazenados alguns tipos de fontes históricas de outra materialidade como textos de jornais, filmes, programas de televisão, entre outros. Mas, irá se refletir, também, as limitações e os cuidados a serem tomados, ao escolher a internet como um meio para se obter conhecimento histórico. Fábio Chang de Almeida (2011) traz que:

A Internet vem crescendo significativamente desde os anos 1990. De acordo com os censos realizados sistematicamente pela empresa Netcraft, o número total de *hostnames* na Internet era de aproximadamente 19 mil em 1995. Em 1997, o número atingiu um milhão de *hostnames*. Em 2000 eram 20 milhões; em 2003, 40 milhões; em 2005, 70 milhões; em 2006 alcançou-se a cifra de 100 milhões; em fevereiro de 2008 mais de 158 milhões; e em julho de 2010 foram contabilizados mais de 205 milhões de *hostnames* na Internet. (ALMEIDA, 2011, p.12)

Almeida (2011, p.11) mostra o pouco tempo que a internet se faz presente no meio social. Pois é, essa uma característica importantíssima da internet a ser destacada, seu tempo efêmero, rápido, passageiro.

O objetivo aqui não é trazer a história da internet, e nem discutir as técnicas necessárias para acessar a internet, mas mostrar a importância dela na construção do conhecimento histórico. Para isso será destacado algumas características que

tornam possível essa possibilidade, de fazer da internet, uma fonte para a História, e um lugar onde encontrar fontes.

Almeida (2011) traz a importância de dois conceitos fundamentais para a compreensão, digamos, da rápida ampliação da internet para os usuários domésticos, que são “web e web 2.0”. “A web baseia-se em uma interface gráfica que possibilita o acesso a dados variados de maneira simples”. (ALMEIDA, 2011, p.13). Anteriormente o acesso era mais difícil de ser realizados, com a exigência de conhecimentos técnicos específicos e complexos, como o exemplo do sistema operacional UNIX. (ALMEIDA, 2011, p. 13). O princípio para a construção da web, segundo Almeida (2011, p.13), é o hipertexto. Mas o que é um hipertexto?

Fábio Chang de Almeida, citando Leão:

Este pode ser considerado como um documento digital composto por diferentes blocos de informações conectadas (ou *lexias*). A conexão entre os blocos de informações é realizada através de vínculos eletrônicos denominados *links*, que permitem o avanço para outras seções dentro do mesmo *site*, ou o redirecionamento para *sites* diferentes. ( LEÃO, 2001, p.24 apud ALMEIDA, 2011, p.13).

Como pode-se perceber, as atividades realizadas na internet são dinâmicas e interconectadas. São como teias, que estão ligadas, num grande complexo de relações entre si, ou seja, os conteúdos criados a partir da internet se comunicam, não são, necessariamente, isolados, pois, um site, ao tratar de determinado assunto, pode trazer um link, de um outro site, que trata do mesmo assunto, e de assuntos relacionados, e assim, sucessivamente. Corrobora ainda Leão:

A construção da teia mundial envolve o trabalho de diversas mentes, distribuídas em diversas páginas. Seu crescimento e sua vitalidade não se encontram localizados em um ponto central e específico. Ao contrário, é no caráter de autogeração e autopoiesis que a Internet se desenvolve. Sem dúvida alguma, o que faz da Web uma teia, uma rede na qual uma complexa malha de informações se interliga, é a própria tecnologia hipertextual que permite os elos entre os pontos diversos. Cada página, cada site, traz em si o potencial de se intercomunicar com todos os outros pontos da rede. (...) de um ponto da rede pode-se alcançar outros, que também possibilitam outros. (LEÃO, 2001, p. 24 apud ALMEIDA, 2011, p.13).

Almeida (2011, p.14) mostra a importância da criação, em 2004, da web 2.0, sendo que, a partir desse momento, o que se pensa, é na maior interatividade dos usuários da internet com os conteúdos criados, conseqüentemente, tornando os próprios usuários criadores de conteúdo na internet. Ao visitar uma página na internet

as pessoas passam a comentar sobre o que foi visto, deixam sua opinião. E com a facilidade, possibilitada pelos desenvolvedores de sites, foi possível a popularização de criação de conteúdo na web. Almeida (2011, p. 14) dá exemplo de um blog, um diário virtual, que no princípio, servia para pessoas escreverem sobre suas vidas numa página na internet, sendo que, a própria podia acessar, e criar seus conteúdos, sem necessariamente ter conhecimentos para a criação de um site. Ao passar do tempo, os blogs foram se modificando, e os assuntos neles tratados, foram alterando-se e diversificando-se. Hoje os blogs tratam de diversos temas, de acordo com a preferência de seus autores como política, espiritualidade, entretenimento, estudos acadêmicos diversos. E mais interessante, é notar, que além de textos, trazem imagens, vídeos, e links que ajudam, ou ampliam, no entendimento e\ou no diálogo com o assunto tratado.

Hoje, ao visitar, o endereço eletrônico, de um jornal, de um canal tradicional da televisão, o internauta, deixa, seu comentário. Que conseqüentemente, irá provocar, a outras pessoas colocarem comentários. Para o historiador, a notícia pode ser importante para a pesquisa, mas nos comentários, dos usuários, pode se ter uma noção do impacto daquela notícia, para uma parcela da sociedade. Essa é apenas uma possibilidade de uso da internet.

Falava-se da interatividade dos usuários em relação aos conteúdos já prontos na internet, ou seja, blogs, sites diversos. Mas normalmente, o que se destaca é aquilo que é escrito. No entanto, existem sites de imagens, vídeos, que possibilitam a mesma dinâmica já exposta anteriormente, do hipertexto, sendo que, entende-se, no audiovisual, não somente uma linguagem escrita, como foi posto no tópico anterior. Vale ressaltar, portanto, a interação, entre conteúdos escritos, de vídeos, de áudios, de imagens. Vamos dar um exemplo de uma plataforma de imagens, mas que quase sempre, vem acompanhando-as textos curtos, o Instagram, uma rede social, onde pessoas se inscrevem e criam um perfil, para publicar e compartilhar fotos numa rede de relacionamentos de perfis próximos e conectados.

As redes sociais, são produtos importantíssimos para a reflexão do historiador, principalmente para aqueles que estudam o presente. São sites de relacionamento, onde os próprios usuários criam seus conteúdos, compartilham com seus “amigos”, e reagem a essas publicações, que podem ser em relação às suas vidas particulares, sobre o contexto político vivido, religião, esporte, filmes, artes, músicas, clipes, entre tantas possibilidades. Se comunicam, se informam, tecem relações. São exemplos

desse tipo de produto o Friendster, Facebook, Orkut, Myspace, o Twiter. (ALMEIDA, 2011, p.15).

Fica evidente que todo esse complexo de relações na internet não pode ser negligenciado e nem, deixado de lado. Almeida (2011) chama a atenção da grande rede de informações que se estabelece por meio da web, sendo que a proporção tomada foi de uma escala mundial. Outro fator destacado pelo autor são os valores, a visão de mundo, a cultura, os conhecimentos que são compartilhados no ambiente virtual.

Olhando e observando o pouco que foi posto sobre a internet, o que isso tem de importante para uma pesquisa histórica? Como saber transformar todo esse conteúdo, esses produtos em fontes? São fontes? São documentos históricos?

Primeiramente pode-se questionar o porque de não utilizar a internet como fonte histórica, e como celeiro de outras fontes para a pesquisa histórica. Almeida (2011, p.9) afirma que a internet seria uma nova categoria de fonte históricas, abrindo um leque de possibilidades para o profissional da História, falando do acesso aos documentos históricos. Mas afinal, o que é um documento digital?

Almeida (2011, p.17) constrói o conceito de documento digital de forma simplificada e sem encerra-lo, levando em consideração, que um documento traz o registro informações humanas independente do suporte desses registros. Nas palavras do autor:

O objetivo é enfatizar que o documento é o registro da expressão da experiência humana, em suas mais variadas manifestações, independente de seu suporte material. Sendo assim, podemos considerar como “documento histórico” uma enorme variedade de registros da atividade humana: escritos dos mais variados tipos, logicamente, mas também música, arquitetura, palavra oral, pintura, escultura, teatro, fotografia, cinema, iconografia, vestuário, etc.

Dessa forma, e tentando construir um conceito o mais simples possível, podemos considerar que “documento digital” é aquele documento – de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir – codificado em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador. (ALMEIDA, 2011, p. 17).

O autor supracitado ainda divide o que chamamos de fontes digitais em: primárias e não-primárias. E dentro dessa classificação tem-se a “não-primária digital” e a primária digital. Esta ultima categoria seria subdividida em “ documentos primários digitais exclusivos” e “documentos primários digitalizados”. (ALMEIDA, 2011, p. 18).



Uma fonte não-primária digital, são documentos, informações produzidas na internet sobre variados assuntos e que podem ser acessados através de um buscador na internet, o Google por exemplo. Muitas universidades, disponibilizam em seus sites, textos de conclusão de cursos, mestrados e doutorados, artigos científicos, que podem auxiliar na pesquisa histórica. (ALMEIDA, 2001, p.18).

Na web encontram-se disponíveis também, vários documentos primários, digitalizados. Ou seja, documentos que tinham como suporte, por exemplo o papel, mas que foram digitados num suporte eletrônico e colocado na internet. Almeida (2011) dá exemplo do jornal britânico The Times que disponibiliza seu acervo grandioso de 200 anos (de 1785 a 1985), na internet. (ALMEIDA, 2011, p.18). Esse foi apenas um exemplo.

As fontes digitais primárias exclusivas, conforme Almeida (2011), são os documentos com origem exclusivamente na web, na internet. Não existe em outro suporte. Exemplo desse tipo de fonte são os blogs, as redes sociais, como o Facebook. Analisando perfis de um conjunto de pessoas no Facebook, por exemplo, o historiador pode obter informações de uma parcela da sociedade, de como essa parcela se interage com determinadas notícias dadas sobre política. Pode-se perceber os gostos culinários, as modas, um assunto de destaque num determinado momento. Qual a percepção das pessoas, nas redes sociais, sobre um fato, importante para a historiografia.

São variadas as possibilidades, mas Almeida (2011), alerta também para alguns cuidados a serem tomados ao privilegiar a internet como uma fonte para a pesquisa histórica. Antes o autor coloca o porquê dessa dificuldade de fazer da internet como uma fonte histórica, sobretudo primária. Destaca também as poucas pesquisas de mestrado e doutorado que são realizadas na academia no geral. Segundo o autor uma das causas seria histórica, sendo que, as fontes escritas são as mais aceitas entre os historiadores e historiadoras. Resulta dessa atitude, a relutância em aceitar outros documentos, sacralizando os documentos escritos. Observa-se essa maneira de fazer história sobretudo nas escolas ditas metódicas, vista neste texto. A outra razão seria a falta de uma discussão sobre teoria e metodologias sobre o uso da internet na pesquisa histórica. (ALMEIDA, 2011, p.11).

A internet tem seu surgimento ainda recente, e isso, seria um motivo, de uma atitude de constante de adaptação por parte dos profissionais da História. (ALMEIDA, 2011, p.11). Os historiadores e historiadoras devem estar conscientes de como os

avanços tecnológicos são rápidos, assim como a internet. Portanto, é exigido uma atitude de constante adaptação por parte dos pesquisadores, buscando uma formação e educação tecnológica de como se relacionar com as tecnologias, como usa-las tecnicamente, para que depois possa utiliza-las em suas pesquisas. Por isso, destaca Almeida (2011), que o historiador não deve negligenciar as possibilidades oferecidas pela internet, pois, como foi visto, o tempo de permanência dos conteúdos na web são muito curtos, devendo o profissional da história ser responsável por recolher essas informações importantes para a pesquisa e armazená-las da melhor maneira possível.

Outra preocupação a ser destacada é em relação à verificação da autenticidade das informações encontradas num determinado site na internet. Nem tudo que parece científico, fruto de uma verdadeira pesquisa acadêmica, apresentado com um visual em elaborado numa página virtual, de fato é. Existe a possibilidade do descrédito daquele conteúdo específico, ou seja, um site pode tratar sobre a ditadura militar brasileira, mas sem fundamentar suas colocações em documentos históricos, nem em instituições acadêmicas respeitáveis, e esse conteúdo pode ser aceito como confiável. Almeida (2011, p.18) alerta para se tomar esse cuidado da verificação da qualidade, veracidade e autenticidade dos conteúdos. Uma dica é sempre verificar se o site traz uma lista com referências bibliográficas, se uma instituição acadêmica está apoiando-o, se o site em questão traz links de outros sites institucionais e governamentais que ajudam na autenticidade do conteúdo. No entanto, ao verificar a falsificação de informações, não impede o historiador de utilizar tal site como fonte, desde que se tenha a consciência dessa falsificação e discutir o porquê da mesma. Vale alertar a existência de falsos sites de instituições governamentais e bancárias, que algumas pessoas criminosas criam para a aplicação de golpes financeiros. Existe também os conhecidos hackers, que conseguem acessar sites diversos e alterar seus conteúdos, normalmente por questões políticas e ideológicas causadoras de conflitos entre grupos diversos.

Ficou evidente no parágrafo anterior as intenções dos autores dos sites, que devem ser levadas em consideração na pesquisa. As ideologias presentes nos conteúdos, sejam eles textos, vídeos, imagens, redes sociais. Não existe neutralidade nos conteúdos encontrados na web.

Almeida (2011, p. 24) volta a atenção para o amplo espaço contido na internet que é recheado de informações dos mais variados tipos. Isso quer dizer, que o profissional da história pode encontrar muito conteúdo sobre o tema de sua pesquisa.

Contudo, deve-se tomar o cuidado de selecionar aquilo que for necessário, pois se não, corre-se o risco de almejar e acessar tanta informação, que pode trazer a dificuldade de tempo e de espaço que uma pesquisa histórica exige dos historiadores e historiadoras.

Analisando o que foi exposto anteriormente, vê-se a enormidade de benefícios que a internet traz para auxiliar na pesquisa histórica. Mas não se pode cair na ilusão que encarar a mesma de forma ingênua e pouco profissional. Foi destacado também a importância dada na abordagem das fontes, de forma científica, ou seja, com os métodos próprios da história, e não seria diferente em relação às fontes digitais na internet. Mas vale sempre refletir sobre as limitações, que cada fonte traz em si mesma. Não é diferente com a internet. Almeida sintetiza aquilo que se deve refletir em relação às dificuldades de se trabalhar com a internet na pesquisa histórica:

[...]a falta de qualidade de grande parte do material disponível na Internet, o caráter volátil da documentação, a necessidade de atualização técnica constante do pesquisador, a possibilidade de cobrança para o acesso às fontes, a necessidade de avaliação da autenticidade da documentação (embora estas últimas não sejam exigências apenas da História Digital). Tais características implicam na necessidade de uma metodologia específica para a lida com a documentação digital. Contudo, ao contrário do que parece afirmar Orville Burton, acreditamos que a “História Digital” não implica em uma revolução metodológica. Ela necessita, sem dúvida, de uma metodologia particular, porém fundamentada nos princípios básicos já consagrados da pesquisa historiográfica, apenas adaptados ao formato digital. (ALMEIDA, 2011, p.25).

### **3. METODOLOGIA**

O tipo de pesquisa utilizado para a elaboração do presente trabalho é a bibliográfica com uma abordagem qualitativa, numa modalidade exploratória com o intuito de trazer um diálogo entre textos sobre um determinado tema, criando uma hipótese reflexiva, que nesse caso é sobre as fontes históricas. Para tal finalidade fez-se uso de dois livros da Editora Intersaberes, adquiridos através do curso de História da Uninter, sendo eles Fundamentos da Pesquisa Histórica, de Rodrigo Otávio dos Santos e o outro com o título Introdução à Historiografia: da abordagem tradicional às perspectivas pós-modernas de Ernesto Sobocinski Marczal, ambos do ano de 2016. Faz parte da bibliografia também mais dois artigos científicos retirados da internet que dialogam com o tema e ajuda na reflexão. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para as pesquisas históricas de Fábio Chang

de Almeida da Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS, do ano de 2011 e também o artigo O historiador e suas fontes em tempos de web 2.0, da autora Eliana Almeida de Souza, da revista eletrônica da Unochapecó CEOM, do ano de 2012. De acordo com Sidnei A. Mascarenhas:

A palavra método vem do grego *methodos*, que pode ser traduzido para o português como caminho. O sentido original de método é um bom ponto de partida para quem quer entender sua função. Em geral, chamamos de método o conjunto de técnicas que usamos em um estudo para obter uma resposta. Em outras palavras, ele é o caminho que percorremos para chegar a uma conclusão científica. (MASCARENHAS, 2012, p.36)

Em seu livro *Metodologia científica* o autor anteriormente citado, propõe entre outros, que não interessa no presente trabalho, o método dialético e o método fenomenológico. Sendo este, com a finalidade de descrever determinado fenômeno por meio de interpretações subjetivas tecendo reflexões sobre o mundo ao redor, não se busca uma verdade geral, mas pontos de vistas diferentes. O método dialético, inspirado no filósofo Hegel, busca através da oposição de teses diferentes chegar-se à determinada conclusão, que não é definitiva, sendo esta confrontada com uma antítese e assim sucessivamente, pois não se pretende uma verdade absoluta e definitiva. Sendo os dois métodos aplicáveis, geralmente em pesquisas bibliográficas de abordagem qualitativa. (MASCARENHAS, 2012, p. 44-45). Portanto, para a elaboração desse texto, depois de escolhida as obras a serem utilizadas, foi feita a leitura das mesmas, de forma exploratória dos textos, objetivando através dos métodos apresentados chegar à conclusão do problema proposto.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No corpo deste texto a pretensão sempre foi de nunca querer esgotar qualquer assunto. A História, como qualquer ciência, está sempre a caminho, em construção. Foi posto um ponto de vista, e claramente fica a provocação para a busca de outros diferentes.

Foi refletido as diferentes formas de como a fonte histórica foi entendida. Num contexto de nacionalismo, que a historiografia metódica, valorizava e entendia por fontes os documentos oficiais e escritos para legitimar a nação pautadas em métodos rígidos, que acabou na consolidação da História como ciência e sua conseqüente entrada como matéria na academia. O movimento dos *Annales* no começo do século XX, que criticando os metódicos, ampliaram o conceito de fontes, considerando que

todo e qualquer vestígios humanos, ou aquilo que trazia evidência de ação humana, podia ser considerada como um fonte a ser utilizada no ofício do historiador e historiadora, desde que, criticadas e manipuladas de acordo com os métodos históricos. Com os Annales não somente aquilo que era escrito e oficial era considerado como fonte histórica, e nem somente o campo político e dos grandes nomes eram dignos de se transformar em história, mas o comum, o social, o econômico, ganham importância.

Como consequência da ampliação das fontes históricas, tem-se os recursos audiovisuais sendo um deles a internet. São fontes que trazem como características os seus conteúdos em imagem estática e em movimento, áudio, música, ou seja, vão além do texto escrito. Fontes que devem ser criticadas conforme os métodos historiográficos e de acordo com suas especificidades.

Em se tratando especificamente da internet, colocou-se sua importância para ser considerada como uma fonte para a pesquisa histórica, sendo primária ou não primária, além de ser um lugar onde se tem a possibilidade de encontrar outros tipos de fontes digitalizadas. Não se pode negar que a internet é uma realidade, e que não pode ser negligenciada pelos historiadores. Ao verificar suas vantagens e limitações, postas neste trabalho, a proposta que fica é a provocação para que se tenha mais pesquisas de mestrados e doutorados que utilizem as fontes da internet. É necessário uma longa e constante discussão, na academia, sobre os métodos mais eficientes para tal atividade com fontes digitais, e uma reflexão do porque a não utilização dos mesmos por tantos profissionais da História. Ao enxergar esse horizonte que já se alcançou pela ciência História, vale conscientizar os historiadores e historiadoras para uma educação tecnológica para que possam saber lidar de forma equilibrada com o contexto tecnológico de informação, e saibam também as técnicas necessárias para o manuseio de tantos aparelhos e como navegar na internet. Por fim, o desejo maior do presente trabalho é que o diálogo e o debate nunca se encerrem, pois, todos podem contribuir para o contínuo transformar-se da História.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista do corpo docente do PPG-História da UFRGS**, Porto Alegre-RS, v.3, n. 8, p. 9-30, janeiro/junho. 2011. Disponível em: < <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776/11939>>. Acesso em: 20/02/2020.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FONTOURA, Antônio. **Recursos audiovisuais nas salas de aulas de História**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

FRIZZO, Fábio. **Uma história do pensamento histórico do século XIX**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

GRUNER, Clóvis. **História, economia, política e cultura no século XIX**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. **Introdução à Historiografia: da abordagem tradicional às perspectivas pós-modernas**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

PINSKY, Carla Bassanczi (organizadora). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 235-289.

REZENDE, Eliana Almeida de Souza. O historiador e suas fontes em tempos de web 2.0. **Cadernos do CEOM**, Chapecó-SC, v. 25, n.36, p. 191-213, junho. 2012. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1160>>. Acesso em 17/06/2020.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. **Fundamentos da pesquisa histórica**. Curitiba: Intersaberes, 2016.